

LITERATURA

MOACYR SCLiar *

Um livro escrito por um intelectual respeitável, de grande erudição e num estilo acessível, não precisaria necessariamente basear-se em uma grande idéia. Mas em *Os Dez Amigos de Freud* (São Paulo, Companhia das Letras, dois volumes, 432 páginas, R\$ 75), Sérgio Paulo Rouanet teve, sim, uma notável idéia. Resolveu partir de uma lista de livros elaborada por Sigmund Freud para elaborar um vasto painel cultural. O que, em se tratando de Rouanet, não é de admirar. Formado em Direito, pós-graduado em Economia, em Ciência Política e em Filosofia em várias universidades norte-americanas, doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP), ex-embaixador, ex-ministro da Cultura, Rouanet é autor de obras importantes como *Édipo e o anjo – Itinerários Freudianos em Walter Benjamin, Teoria Crítica e Psicanálise, As Razões do Iluminismo, Mal-Estar na Modernidade, Moderno e Pós-Moderno*. Ninguém poderia abordar com mais autoridade um tema que envolve a relação entre psicanálise e cultura.

Da lista de Freud, Rouanet nos fala na introdução desta singular e abrangente obra. Em 1906, Freud recebeu do editor e livreiro Hugo Heller uma circular enviada a vários escritores, artistas e cientistas, solicitando a indicação de “10 bons livros”. É possível que Freud tivesse hesitado diante desse pedido, inclusive pelo fato de ser apenas um de muitos destinatários; mas Heller era ligado à psicanálise, participava do círculo de discussões organizado por Freud e editava publicações psicanalíticas. Freud portanto respondeu. Para começar, discute o pedido, concluindo que não é solicitada uma avaliação baseada na transcendência da obra, ou no seu valor literário. Trata-se de caracterizar os livros como “bons amigos”, e daí o título de Rouanet.

“Sem muita reflexão” (palavras do próprio Freud) é elaborada a lista: cartas e obras, de Multatuli, *O Livro da Jângal*, de Kipling, *Sobre a Pedra Branca*, de Anatole France, *Fecundidade*, de Émile Zola, *Leonardo da Vinci*, de Merejkovski, *A Gente de Seldwyla*, de Gottfried Keller, *Os Últimos Dias de Hutten*, de Conrad Ferdinand Meyer, *Ensaio*, de Macauley, *Pensadores Gregos*, de Gomperz, *Esboços*, de Mark Twain.

Freud era um leitor voraz, e muitas vezes interpretou obras literárias sob o ponto de vista da psicanálise, o exemplo mais conhecido sendo a novela *Gradiva*, de Wilhelm Jensen, a partir da qual faz considerações sobre sonhos e delírios. Mas a pergunta se impõe: quem, hoje, lê essa novela? Pergunta essa que, como nota Rouanet, também se aplica a pelo menos um dos “amigos” da lista, Multatuli, pseudônimo (tirado de Horácio e significando



Leitor voraz que não foi imune ao gosto de sua época: Freud em desenho de Ben Shahn

A lista de Sigmund Freud

Sérgio Paulo Rouanet esmiúça em dois volumes os 10 livros e os 10 autores mais caros ao pai da psicanálise, conforme seleção feita pelo próprio Freud em 1906

“sofri muito”) do holandês Eduard Douwes Dekker. Embora não cite contemporâneos importantes, como Schnitzler, Hermann Hesse e Jakob Wassermann, Freud certamente não era imune ao gosto literário da época. Esses gostos variam; basta ver os prêmios Nobel de literatura, onde figuram nomes hoje pouco conhecidos, como os de Sully Prudhomme, Erik Karlfeldt, Henrik Pontoppidan, Karl Gjellerup. É também uma lista eclética: ficção, ensaio, biografia, o sisudo Gomperz ao lado do bem-humorado Mark Twain, o erudito Macauley ao lado do popular Kipling.

Rouanet vai nos apresentar esses autores e seu trabalho. De cada um deles teremos uma biografia; as implicações para a psicanálise de suas obras serão discutidas. En-

saio relativamente autônomos, extremamente bem elaborados e que se lê com enorme prazer.

Tomemos, por exemplo, Rudyard Kipling (1865 – 1936). Nascido na Índia, à época parte do Império Britânico, Kipling escreveu sua obra sob um duplo signo: a ascensão do imperialismo inglês e a repressão vitoriana, fonte dos conflitos sexuais e emocionais semelhantes àqueles que Freud tão bem conheceu. Os psicanalistas admiravam Kipling, mas a recíproca não era verdadeira; tudo o que ele conhecia da psicanálise era o que Rouanet chama de “freudismo vulgar”, do qual detestava a ênfase na sexualidade. Isso não impede que muitas de suas obras sejam passíveis de interpretação psicanalítica, como é o caso de *O Livro da Jângal*. O que temos aí são as aventuras de Mowgli, que, ainda bebê, foi adotado por lobos. Criado em meio a animais, Mowgli não deixa, contudo, de exibir superioridade. Ele administra a sociedade animal do mes-

mo modo como os administradores coloniais governavam a Índia. Os animais, diz Rouanet, representam alegoricamente os seres humanos em estado natural: copulam e matam com igual facilidade. A prioridade, como aponta Rouanet, é a preservação do indivíduo e da espécie. Mas existe, entre a atração sexual, que gerará vida, e o instinto de conservação, que implica matar para comer, uma oposição, a mesma oposição que Freud apontou na primeira versão de sua teoria das pulsões. Fugindo da psicanálise, Kipling acaba, de alguma maneira, confirmando seus postulados.

Ao menos os daquele momento. Pois, sublinha Rouanet, Freud continuou evoluindo. Na época em que foi feita a lista ainda era relativamente otimista; e poderia ver *O Livro da Jângal* como um modelo alternativo de sociedade, que, evitando a repressão dos instintos, evitasse doença. Aos poucos, contudo, Freud vai mudando de idéia, um processo que culmina no amargo *Mal-Estar na Civilização*, não por acaso publicado em 1930, no início da década que veria a irresistível ascensão de autoritarismos, inclusive no Brasil. Freud postula agora uma pulsão de morte, que se opõe a Eros, expressão de uma agressividade que ele descreve, nota Rouanet, em termos tipicamente hobbesianos: “A hostilidade de todos contra todos”. Ao longo da década, a hostilidade irá num crescendo, até culminar na II Guerra Mundial.

Rouanet conclui dizendo que Mowgli é um ser híbrido, meio homem, meio lobo. Como Kipling, “sempre na fronteira entre dois mundos – fronteira cultural, entre a Inglaterra e a Índia, fronteira religiosa, entre o racionalismo e o misticismo, fronteira psíquica, entre a saúde e a doença...”. E como o próprio Freud, que vivia na fronteira de duas culturas, a cultura germânica e a cultura judaica, e dentro desta, entre a cultura judaica da Europa Oriental, pobre e mística, e a cultura judaica da Europa Ocidental, rica e sofisticada. E, finalmente, como o próprio Ego, entre o obscuro e selvagem Id e o autoritário e moralizador Super-Ego. Havia, sim, boas razões para que Kipling figurasse na lista de Freud.



Essa pequena descrição serve apenas para exemplificar a metodologia de Rouanet nos 10 ensaios do livro. Ao final, ele examina as motivações de Freud em sua escolha e aponta – magistralmente – para um detalhe de peculiar significado. Naquele ano de 1906, Freud completara 50 anos e, diz Rouanet, sempre acreditara que morreria ao atingir essa idade (considerando a expectativa de vida de então, não se tratava de um raciocínio tão absurdo). Portanto, a lista pode ter tido um significado especial para ele, um significado existencial que Rouanet expressa através daquilo que chama uma “psico-ficção”, um monólogo imaginário. Cujo final é notável: “Pensando bem, os atributos que eu exijo dos bons amigos coincidem com os que eu exijo dos bons livros. Não são os melhores livros, nem os mais significativos, nem mesmo os mais amados, mas apenas os que estão sempre disponíveis para ajudar, consolar, instruir”. O verdadeiro Freud assinaria em baixo. Sérgio Paulo Rouanet não dos dá apenas um banho de cultura, ele nos dá uma lição de vida.

* Médico e escritor, colunista de ZH, autor de, entre outros livros, *A Mulher que Escreveu a Bíblia. Seu livro mais recente é Saturno nos Trópicos, sobre a melancolia*

